

Émile Benveniste e a linguística do discurso: repercussões no campo dos estudos textuais no Brasil

Émile Benveniste and linguistic discourse: implications in the field of textual studies in Brazil

Carolina Knack *

RESUMO: Este trabalho retoma parte do percurso teórico inicial realizado para a elaboração da dissertação de mestrado intitulada "Texto e enunciação: as modalidades falada e escrita como instâncias de investigação" (KNACK, 2012). Objetiva-se investigar a possibilidade de interlocução da teoria enunciativa de Émile Benveniste com a área dos estudos do texto e a potencialidade da referida teoria para a análise de textos. A partir da observação da produção teórica do linguista e da leitura de textos de especialistas em Enunciação, como Claudine Normand, delineiam-se características da obra benvenistiana e de seu processo de escritura, bem como os efeitos, no contexto da Linguística brasileira, dos modos de leitura dessa teoria. Tal percurso teórico permite constatar que a Enunciação benvenistiana apresenta, de fato, potencialidade para o tratamento do objeto texto, seja falado, seja escrito, o que direciona para a exploração desse referencial que pode ser deslocado para o campo do texto e subsidiar sua análise.

PALAVRAS-CHAVE: Enunciação. Benveniste. Texto. Ensino.

ABSTRACT: This paper refers to part of the initial theoretical route used to draw up the master's thesis entitled "Text and enunciation: the spoken and written forms as instances of research" (Knack, 2012). The objective is to investigate the possibility of dialogue enunciative theory with Émile Benveniste area of studies of text and capability of that theory to the analysis of texts. From observation of the theoretical linguist production and reading of texts experts Enunciation, as Claudine Normand, to delineate characteristics of the work benvenistiana and his writing process, and the

* Doutoranda em Estudos da Linguagem, com ênfase em Teorias do Texto e do Discurso, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em Estudos da Linguagem e especialista em Estudos Linguísticos do Texto pela mesma Universidade. E-mail: carolinaknack@gmail.com

effects in the context of Brazilian Linguistics, modes reading this theory. This theoretical path demonstrates that the Enunciation benvenistiana has indeed potential for the treatment of type object, whether spoken, written words, which directs to exploit this framework that can be shifted to the text field and support your analysis.

KEYWORDS: Enunciation. Benveniste. Text. Teaching.

Há uma beleza, uma experiência do intelecto, que dá à obra de certos cientistas essa espécie de clareza inesgotável de que também são feitas as grandes obras literárias. Tudo é claro no livro de Benveniste, tudo nele pode imediatamente ser reconhecido como verdade; e, no entanto, tudo também nele não faz mais do que começar.

Roland Barthes
O rumor da língua (2004)

Introdução

Este artigo apresenta, em linhas gerais, os primeiros passos da pesquisa realizada para a elaboração da dissertação de mestrado intitulada *Texto e enunciação: as modalidades falada e escrita como instâncias de investigação* (KNACK, 2012)¹. Tal como o título indica, a pesquisa buscou tratar de *texto* à luz da Teoria da Enunciação, especificamente a de Émile Benveniste.

Evidentemente, tratar de texto sob perspectivas ditas enunciativas não é novidade, haja vista o expressivo número de pesquisas que tomam por base os estudos de Bakhtin, de Ducrot, de Maingueneau, entre outros. No entanto, em se tratando de Émile Benveniste, parece haver, ainda, uma lacuna quanto a essa possibilidade.

Considerando os documentos oficiais que tratam do ensino de Língua Portuguesa no Brasil, tais como os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1998; 2000; 2002) e os *Referenciais Curriculares do Estado do Rio Grande do Sul* (2009), o *texto* é instituído como o *objeto* e a *unidade de ensino* da disciplina. Em decorrência dessas orientações, temos visto a inserção progressiva do *texto*

¹ A dissertação foi defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sob orientação da professora Dra. Carmem Luci da Costa Silva.

nos programas escolares – o que coloca em pauta, também, a formação do professor. Uma breve pesquisa acerca de currículos de cursos de Licenciatura em Letras com ênfase em Língua Portuguesa de Universidades de Porto Alegre (RS) e da região metropolitana permitiu constatar que, de fato, o *texto* tem-se configurado como objeto de estudo e, portanto, tem integrado a formação básica do professor. Uma vista de olhos pelas indicações bibliográficas de disciplinas desses cursos indica a diversidade teórica com que esse objeto pode ser abordado. Dentre tais indicações, destacamos a *quase* ausência da referência a Émile Benveniste.²

É nesse contexto, portanto, que se insere a pesquisa empreendida no mestrado da autora, buscando, primeiro, problematizar o potencial da teoria benvenistiana para a abordagem do objeto *texto* e, segundo, sistematizar os princípios teórico-metodológicos da Enunciação para a análise de textos falados e escritos.

Neste artigo, retoma-se apenas parte do percurso teórico que permitiu dar conta do primeiro objetivo delineado. Assim, o presente texto propõe-se a reunir elementos que propiciem desvelar o diálogo da Teoria da Enunciação de Émile Benveniste com a área dos estudos do texto – interlocução que tem por intuito produzir reflexões que contribuam para o trabalho dos professores de Língua Portuguesa.

Para tanto, partindo da observação da produção teórica de Émile Benveniste, especialmente dos artigos reunidos em *Problemas de Linguística Geral I* e *Problemas de Linguística Geral II*³, busca-se pontuar características quer da obra quer do seu processo de escritura para, em seguida, compreender o modo como a teoria enunciativa benvenistiana foi lida pela Linguística brasileira. As questões abordadas nesses dois tópicos reúnem elementos que alimentam o diálogo desta teoria com a área dos estudos do texto e encaminham a pensar acerca da possibilidade de investigação do

² Para mais detalhes sobre essa investigação, consultar a seção *Introdução* de Knack (2012).

³ Na sequência deste texto, essas obras serão referidas, respectivamente, como *PLG I* e *PLG II*.

funcionamento textual-enunciativo, nas instâncias falada e escrita da língua, tomando como arcabouço teórico a Enunciação de Émile Benveniste.

Émile Benveniste: qual linguística?⁴

Traçar um percurso das produções teóricas de Émile Benveniste e buscar compreender o *itinerário de leituras* que dessas obras se fez requer que empreendamos também nós⁵ um itinerário, tanto pelos próprios textos do linguista quanto pelos de seus comentadores. Os caminhos a serem aqui trilhados seguem em uma direção: almejam situar a produção teórica do linguista, especialmente a que constitui a Teoria da Enunciação, de modo a buscar compreender como as características dessa produção podem ter influenciado as leituras que dela se fizeram – especialmente a leitura realizada pela Linguística brasileira.

Segundo Dessons (2006), os estudos de Benveniste estendem-se sob três domínios principais: o dos estudos iranianos, o da gramática comparada das línguas indo-europeias e o da linguística geral⁶. Embora já fosse considerado um grande indo-europeísta, Benveniste tornou-se verdadeiramente reconhecido apenas a partir do fim dos anos 60, com as seguintes publicações: a compilação de artigos intitulada *Problèmes de linguistique générale I*, publicada na França em 1966; o artigo *O aparelho formal da enunciação*⁷

⁴ Título inspirado no artigo de Claudine Normand (2009a) denominado *Émile Benveniste: qual semântica?*, em que a autora discute como a questão da referência e suas relações com a Teoria da Enunciação introduzem-se no constructo teórico de Benveniste.

⁵ A preferência pelo uso da primeira pessoa do plural na sequência deste texto deve-se ao fato de as reflexões integrarem a pesquisa de mestrado e, portanto, contarem também com a leitura atenta do professor orientador.

⁶ Para mais informações a respeito dos diferentes domínios estudados por Benveniste e dos possíveis motivos para o tardio reconhecimento do linguista enquanto especialista de Linguística Geral, consultar capítulo 1 de Knack (2012).

⁷ Conforme argumenta Normand (2009c), somente a partir desse artigo os linguistas perceberam e passaram a interessar-se pelo viés enunciativo de Benveniste, uma vez que sua teoria permitia, a partir do “retorno do sujeito” e dos elementos da subjetividade, sair do “claustro estruturalista”.

publicado na revista *Langages* em 1970; e a segunda coletânea de artigos intitulada *Problèmes de linguistique générale II*, publicada na França em 1974.

Tal como grifou Dessons, apesar de ser possível considerar os trabalhos de Benveniste como particionados em um “setor filológico e um setor generalista” – este incluindo os estudos de cunho enunciativo –, e que isso possa dar a impressão de atividades distintas, o autor defende “trata[r]-se antes de dois momentos de um mesmo projeto global, que elege a significação como ponto de vista fundamental sobre a linguagem.” (DESSONS, 2006, p. 27, tradução nossa). Também Normand (2009a) argumenta nesse sentido, afirmando ser a referência constante à significação o que unifica o projeto benvenistiano, o qual consiste em continuar Saussure e ultrapassá-lo.

Esses questionamentos acerca do que possibilitaria unificar as reflexões benvenistianas advêm, sobretudo, dos múltiplos interesses do linguista e da própria abundância da matéria – segundo Ono (2007), Benveniste publicou 18 livros, 291 artigos e 300 resenhas críticas. Essa multiplicidade, de certa forma, atesta que o estudo da linguagem, para o linguista, parece não poder apresentar-se de maneira sintética, de modo que publicar em coletânea teria sido a sua única iniciativa para dar forma a uma Linguística Geral. Isso, segundo a autora (2007, p. 19, tradução nossa), “pode desconcertar todo aquele que procura uma linguística edificada passo a passo, de maneira sistemática.”

De fato, o que se convencionou chamar de *Teoria da Enunciação* em Benveniste advém, também, de um olhar lançado *a posteriori* aos textos do linguista e, segundo argumentam Flores et al. (2008), diz respeito a um conjunto de cerca de vinte artigos escritos ao longo de aproximadamente 30 anos, reunidos e publicados nos já mencionados *PLG I* e *II*. Isso evidencia que tal teoria não se apresenta como uma proposta teórico-metodológica explicitamente elaborada e desenvolvida ao longo dos anos. Também não há, como afirma Normand (2009a, p. 161), uma “revolução enunciativa” em Benveniste, pois o interesse do linguista pelos indícios da presença do homem na linguagem e na língua é uma constante em suas pesquisas: “a busca dos

traços da subjetividade nas formas linguísticas está presente desde o início [nos trabalhos de Linguística Geral e frequentemente nos de gramática comparada] e se teoriza pouco a pouco entre hesitações e afirmações.” (NORMAND, 2009a, p. 16). Linha a linha, parágrafo a parágrafo, artigo a artigo, a Teoria da Enunciação se desvela, ao mesmo tempo em que, confessa Normand, se desvela, para ela, o *prazer do texto*. Benveniste possibilitou para a atenta leitora uma descoberta:

[...] o prazer de uma bela demonstração numa retórica sedutora, talvez sedutora demais para ser sempre perfeitamente rigorosa; era a fluidez de uma escrita livre do peso, que se tornara habitual, dos programas e de seus resultados; em suma, o “prazer do texto”, conforme a expressão de Roland Barthes, que confessava: “É preciso ler outros linguistas, mas gostamos é de Benveniste”. (NORMAND, 2009a, p. 101).

Ao redescobrir o prazer de ler com Benveniste, Normand concluiu que era possível, sim, “escrever de modo diferente mesmo sendo linguista; [e que] podia existir algo diferente de uma língua desfigurada pela obsessão de ‘fazer ciência’” (NORMAND, 2009a, p. 101). Esse “escrever de modo diferente” que, para a autora, traduz-se pela escrita livre e sedutora do mestre, também foi objeto de comentários de outros importantes leitores de Benveniste. Barthes (2004), por exemplo, em ensaios por ocasião das publicações de *PLG I e II*, observa que aquilo que um sábio nos proporciona não advém apenas da *força* de seu saber e de seu rigor, mas de sua escritura; para o autor, a escrita de Benveniste possui uma *força* que não é a mesma dos outros cientistas.

A língua de que se apropria Benveniste (pois que tal é a sua definição de enunciação) não é *exatamente* aquela dos cientistas comuns, e esse ligeiro deslocamento basta para constituir uma escritura. A escritura de Benveniste é difícil de descrever [...]. (BARTHES, 2004, p. 212-213, grifos do autor).

Silva e Endruweit (2011, p. 239) muito bem comentam essa citação de Barthes, ressaltando que “ao mesmo tempo em que descreve o cientista

Benveniste, revela a relação do homem com a língua, escultor cuidadoso envolvido em sua criação e, por isso, parcial.”

Barthes (2004, p. 210) ainda afirma que “os livros de saber, de pesquisa, têm também o seu ‘estilo’” e os de Benveniste são “de grande classe”. Esse *estilo*, para Meschonnic (1995, p. 53-54 apud ONO, 2007, p. 16), não deve ser entendido “no sentido de caracteres específicos ou formais de uma escrita, mas sim como a clareza e a aventura de um pensamento, a invenção de novos problemas e o método da demonstração”. Em cada artigo de Benveniste percebemos esses movimentos de proposição de um problema e sua demonstração e análise. Nesse sentido, Dessons (2006, p. 10, tradução nossa) entende que, “em Benveniste, a arte de pensar é, principalmente, a arte do problema.” E sua qualidade maior está justamente nisto: na invenção do problema, na formulação de uma questão ainda não posta e passível de ser formulada indefinidamente e de modo novo a cada vez. Percebemos essa “capacidade pouco comum de *recolocar* em questão aquilo que é percebido como evidência” (ONO, 2007, p.16, grifo da autora, tradução nossa) em cada artigo escrito por Benveniste⁸.

Podemos dizer que a escritura da Teoria da Enunciação de Émile Benveniste é especialmente marcada por esses traços: livre da cobrança de um programa e de seus resultados, essa teoria delinea-se pouco a pouco no pensamento do linguista, problema a problema, artigo a artigo, em meio a uma diversidade de reflexões que frequentemente nos “desconcerta”, como diz Normand (2009a). O programa enunciativo de fato instaurou-se quando se agrupou em torno dele tudo o que dizia respeito aos indícios da pessoa e à subjetividade, ou seja, tudo o que dizia respeito à presença do homem na linguagem e na língua. Essa leitura, a da Teoria da Enunciação, segue então o agrupamento organizado pelo próprio linguista por ocasião da publicação de *PLG I* – e diz respeito essencialmente aos artigos integrantes das seções A

⁸ O grifo de Ono (2007) no prefixo *re-* serve justamente para marcar que, em Benveniste, este prefixo possui um duplo valor crítico: de iteração (de novo, novamente) e de invenção (novo).

comunicação e *O homem na língua* – e, em *PLG II*, segue a distribuição, nessas mesmas seções, organizada pelos editores sob a supervisão de Benveniste.

Quanto a esses textos que tratam da Enunciação, Normand destaca que possuem duas particularidades em relação aos demais:

de um lado, eles se relacionam especificamente às marcas (indícios) da subjetividade, enquanto os outros desenvolvimentos não fazem intervir o papel do sujeito a não ser nas interpretações das descrições; de outro lado, é nesses textos que se formula de maneira sistemática o programa de uma nova linguística, aquela que deve tratar da frase, e assim do discurso, linguística do semântico distinguida da primeira (e sempre necessária) linguística do sistema, dita semiótica. (NORMAND, 2009a, p. 160-161).

Essa formulação sistemática de um programa para uma nova Linguística, a do *discurso*, estava, de certa forma, muito clara em Benveniste. Já dizia Barthes (2004, p. 210) que tudo era “claro no livro de Benveniste, tudo nele [podia] imediatamente ser reconhecido como verdade [...]”. Essa *clareza inesgotável*, atributo de grandes obras literárias, afirma Barthes ser conferida pela beleza e pela experiência do intelecto, e se faz presente apenas na obra de *certos* cientistas. Benveniste é, para Barthes, um desses *certos* cientistas.

Este mesmo Barthes que fala que tudo está *claro* em Benveniste também aponta que “havia nele algo exorbitante para um erudito, o *implícito*” (BARTHES, 1995b, p. 393 apud ONO, 2007, p.16). Mas como explicar tal dualidade? Continua o autor: “tinha-se a impressão de que sua obra, sua própria fala, comportava sempre um suplemento que não dizia, justamente porque dizia muito bem aquilo que queria dizer.” Tal característica, se não justifica, parece ao menos corroborar o fato de haver diferentes leituras de Benveniste, na medida em que o *implícito* exige do leitor determinadas inferências que, se não apreendidas, podem acarretar uma leitura parcial e, por vezes, até mesmo contraditória aos princípios do linguista.

O “modo de escrever diferente” de Benveniste, pontuado por Normand, e essa *nova Linguística* não proposta na forma de um *modelo* tal qual entendido pela ciência da linguagem são elementos que parecem ter

contribuído para o modo como a Teoria da Enunciação foi lida pela Linguística brasileira e, conseqüentemente, para o modo como se tem desenvolvido no contexto dos estudos da linguagem. O próximo item tem por objetivo justamente recuperar parte desse *itinerário de leitura* no contexto da Linguística brasileira e pontuar alguns dos efeitos que esse itinerário produziu na área dos estudos do texto.

A teoria enunciativa benvenistiana no contexto da Linguística brasileira e seus efeitos nos estudos do texto

Vimos que tanto a forma como a Teoria da Enunciação foi concebida por Benveniste quanto as características de sua escrita contribuíram, em certa medida, para o modo como se leu seu programa para uma *nova Linguística*. Conforme ressaltam Flores et al. (2008; 2009), no Brasil, embora Benveniste seja frequentemente citado em bibliografia especializada, seus estudos ainda não receberam tratamento sistematizado⁹. Isso se deve, sobretudo, “às condições específicas de instauração da Linguística brasileira, em especial, com relação ao advento da diversidade dos estudos no âmbito do discurso.” (FLORES et al., 2009, p.11). Isso porque, nos anos 70, período em que os estudos sobre a Enunciação começaram a ganhar ênfase na França, chegaram ao Brasil perspectivas de estudo da linguagem especialmente voltadas ao discurso, tais como a Análise de Discurso de linha francesa e a Linguística do Texto. Segundo Cremonese (2007), essas linhas, e também a Pragmática, acabaram por interferir na introdução da teoria enunciativa benvenistiana no Brasil, seja pela leitura peculiar que fizeram da teoria, seja pela incorporação de termos benvenistianos aos seus próprios aparatos teórico-metodológicos.

Quanto a esse último aspecto, podemos citar como primeiro exemplo a Linguística do Texto, abordada, a seguir, pelo viés de uma das teóricas mais

⁹ Enfatizamos que tal lacuna vem sendo suprida, sobretudo, por dissertações e teses desenvolvidas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

citadas em indicações bibliográficas de disciplinas que estudam o texto¹⁰: Ingedore Koch. Em *Linguística Textual: uma introdução* (1988)¹¹, Koch, em coautoria com Leonor Lopes Fávero, ao discutir as diferentes concepções de *texto* e de *discurso* no âmbito da Linguística Textual, conclui o seguinte:

É lícito concluir, portanto, que o termo *texto* pode ser tomado em duas acepções: *texto*, em sentido *lato*, designa toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano, (quer se trate de um poema, quer de uma música, uma pintura, um filme, uma escultura etc.), isto é, qualquer tipo de comunicação realizado através de um sistema de signos. Em se tratando da linguagem verbal, temos **o discurso, atividade comunicativa de um falante, numa situação de comunicação dada, englobando o conjunto de enunciados produzidos pelo locutor (ou por este e seu interlocutor, no caso do diálogo) e o evento de sua enunciação**. O discurso é manifestado, linguisticamente, por meio de textos (em sentido *estrito*). (FÁVERO; KOCH, 1988, p. 25, grifo em itálico das autoras, grifo em negrito nosso).

Neste trecho, ao definir o termo *discurso*, é possível perceber que as autoras fazem uso de termos e noções enunciativas, mesmo sem remetê-las a Émile Benveniste: para tratar da *atividade comunicativa de um falante*, há de se considerar *o conjunto de enunciados* produzidos em determinada *situação* (diríamos em uma *situação de enunciação* que envolve pessoa, tempo e espaço), por um locutor e, por meio do diálogo entre um *eu* e um *tu*, entre um *locutor* e um *interlocutor* no *evento* dessa *enunciação*.

Ora, uma das noções benvenistianas que está subjacente a tais considerações é a de *intersubjetividade* – conceito fundamental para Benveniste, na medida em que esse princípio estabelece-se como condição para a *subjetividade*: para constituir-se como sujeito de linguagem está-se na dependência da existência do *outro*, do *tu*. A noção de *intersubjetividade* parece ser definidora para a abordagem do *discurso* proposta pelas autoras. Não por acaso, algumas páginas à frente, as autoras situam Émile Benveniste como um dos precursores *stricto sensu* da Linguística Textual.

¹⁰ Conforme pesquisa em grades curriculares de cursos superiores de Licenciatura em Letras de Porto Alegre (RS) e região metropolitana (cf. seção *Introdução* deste artigo).

¹¹ A primeira edição da obra data de 1983.

E. Benveniste pode ser considerado um dos pioneiros nos estudos sobre o discurso, ao pôr em realce a intersubjetividade que caracteriza o uso da linguagem, ressaltando a necessidade de se incorporar aos estudos linguísticos os fatos envolvidos no evento de produção dos enunciados. (FÁVERO; KOCH, 1988, p. 31, grifo das autoras).

E é exatamente a noção de *intersubjetividade*, antes subjacente às considerações das autoras, que Koch e Fávero enfatizam no trecho acima citado. Porém, embora posta em relevo, a noção é apenas brevemente explicada no parágrafo seguinte: “[...] os aspectos discursivos da linguagem dizem respeito às relações que *na* e *pela* linguagem se estabelecem entre os interlocutores” (FÁVERO; KOCH, 1988, p. 31, grifo das autoras). E, apesar de pontuarem a existência das relações entre os interlocutores, os demais comentários das autoras a respeito da teoria benvenistiana ressaltam apenas o aspecto individual da enunciação: “ato individual de utilização”, “atividade do locutor que mobiliza a língua por sua conta”, “conversão individual da língua”, “manifestação individual que a atualiza [a língua]” (p. 31). Em outras palavras: apesar de apontarem que é a intersubjetividade que “torna possível a comunicação linguística” (p. 31), o alocutário não é considerado quando da explicação teórica.

Outra obra de autoria de Ingedore Koch que exemplifica a apropriação de termos e/ou postulados enunciativos benvenistianos é *Argumentação e Linguagem* (2004)¹². Ao tratar da tomada do discurso e, posteriormente, do texto como objeto central de investigação de perspectivas como a que desenvolve, a autora diz o seguinte:

Se a frase é uma unidade sintático-semântica, o **discurso** constitui uma unidade pragmática, atividade capaz de produzir efeitos, reações, ou, **como diz Benveniste** (1974), **“a língua assumida como exercício pelo indivíduo”**. Ao produzir um discurso, **o homem se apropria da língua**, não só com o fim de veicular mensagens, mas, principalmente, com o objetivo de atuar, de interagir socialmente, **instituíndo-se como EU e constituindo, ao**

¹² A primeira edição da obra data de 1984.

mesmo tempo, como interlocutor, o outro, que é por sua vez constitutivo do próprio EU, por meio do jogo de representações e de imagens recíprocas que entre eles se estabelecem.

Ora, o discurso, para ser bem estruturado, deve conter, implícitos ou explícitos, todos os elementos necessários à sua compreensão, deve obedecer às condições de *progresso* e *coerência*, para, por si só, produzir comunicação: em outras palavras, deve constituir um *texto*. Todo texto caracteriza-se pela textualidade (tessitura), rede de relações que fazem com que um texto seja um texto (e não uma simples somatória de frases), revelando uma conexão entre as intenções, as ideias e as unidades linguísticas que o compõem, por meio do **encadeamento de enunciados dentro do quadro estabelecido pela enunciação**. (KOCH, 2004, p. 19-20, grifo em itálico da autora, grifo em negrito nosso).

Além da menção explícita a Benveniste ao definir *discurso*, a autora, na sequência, embora não a nomeie, vai tratar da noção de *intersubjetividade*. Além disso, Koch ainda pontua que o texto deve revelar conexão entre seus elementos “por meio do encadeamento de enunciados dentro do quadro estabelecido pela enunciação”. E, então, perguntamo-nos: em que consiste, para a autora, esse *quadro da enunciação*? Em que concepção os termos *enunciado* e *enunciação* são tomados no contexto dessa reflexão? Tais questionamentos assumem maior relevância se atentarmos para o fato de que, além de Benveniste, estão presentes na discussão da autora nessa obra outros teóricos pertencentes ao campo da Linguística da Enunciação, como Ducrot, por exemplo.

Ainda na mesma obra, podemos citar outro exemplo no que se refere à apropriação de termos e/ou postulados enunciativos benvenistianos. Afirma Koch (2004, p. 72) que “na estruturação do discurso, a relação entre enunciados é frequentemente projetada a partir de certas relações de modalidade, donde se depreende a sua importância pragmática.” E, mais adiante, quanto às modalidades do discurso, continua: “De um modo geral, tem-se considerado como modalidades básicas o *necessário* e o *possível* (cf., p.ex., Benveniste (1974) [...] e outros).” (KOCH, 2004, p. 79, grifos da autora). Ora, aqui, a autora referencia o artigo de Benveniste intitulado *Estruturas das relações de auxiliaridade* (1965/2006), em que o linguista, dentre outros

aspectos, discute a categoria da modalidade e sua auxiliação, isto é, as relações lógicas entre uma forma auxiliante e uma forma auxiliada.

Outra perspectiva teórica que incorpora termos e noções da Teoria da Enunciação de Benveniste é a Semiótica francesa oriunda de Algirdas Julien Greimas, também conhecida por Semiótica greimasiana. Exemplificaremos essa perspectiva pelo viés dos estudos de Diana Luz Pessoa de Barros (1994) e José Luiz Fiorin (1999), expoentes da pesquisa semiótica no contexto brasileiro e reiteradamente citados como bibliografia em disciplinas de cursos de Letras¹³.

Segundo Barros (1994, p. 7, grifos da autora), essa perspectiva teórica, que tem por objeto o *texto*, procura “descrever e explicar *o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz.*” Ao objetivar descrever a constituição da significação do texto (plano do conteúdo), a Semiótica entende que o processo de geração de sentidos dá-se por meio de um *percurso gerativo*. Esse percurso é definido por Greimas e Courtés como um modelo que simula a produção e a interpretação dos sentidos e que vai, por meio de mecanismos de conversão, do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto, compondo-se de três níveis: o fundamental, o narrativo e o discursivo. É neste último nível, o discursivo, que os semioticistas valem-se de aspectos da enunciação para dar conta da constituição da significação.

Barros (1994) explica que

as estruturas narrativas convertem-se em estruturas discursivas quando assumidas pelo **sujeito da enunciação**. O **sujeito da enunciação faz uma série de “escolhas”, de pessoa, de tempo, de espaço**, de figuras, e “conta” ou passa a narrativa, transformando-a em discurso. O discurso nada mais é, portanto, que a narrativa “enriquecida” por todas essas **opções do sujeito da enunciação**, que marcam os diferentes **modos pelos quais a enunciação se relaciona com o discurso que enuncia**. (BARROS, 1994, p. 53, grifos nossos).

¹³ Cf. seção *Introdução* deste artigo.

Embora saibamos que a expressão *sujeito da enunciação* está ausente na produção benvenistiana¹⁴, esse termo é costumeiramente atribuído a Benveniste. Logo, além dessa expressão, também os demais trechos grifados na citação acima evidenciam a incorporação de noções enunciativas benvenistianas ao quadro da Semiótica, como as escolhas quanto às categorias de pessoa, tempo e espaço projetadas no enunciado. Essas projeções vão produzir basicamente dois efeitos de sentido: “o de *proximidade* ou *distanciamento* da enunciação e o de *realidade* ou *referente*.” (BARROS, 1994, p. 55, grifos da autora).

Afirma Fiorin (FLORES et al., 2009, p. 252) que é Benveniste, de fato, quem serve de fundamento a Greimas para os estudos discursivos da enunciação. E, como o objeto da Semiótica é o *texto*, a enunciação é vista como “instância de mediação, que assegura a discursivização da língua, que permite a passagem da competência à performance [fases da estrutura narrativa], das estruturas semióticas virtuais às estruturas realizadas sob a forma de discurso.” (FIORIN, 1999, p. 170). Ou seja, o sujeito assume os esquemas narrativos e os converte em discurso e, ao realizar essa conversão, projeta no enunciado suas escolhas, as quais implicam pessoa, tempo e espaço, que remetem à enunciação.

Fiorin (1999, p. 169) explica que Greimas e Courtés, “com base nos estudos precursores de Benveniste e Jakobson, esboçaram o que deveria ser um estudo semiótico das categorias da enunciação.” A incorporação dessas categorias à Semiótica deu-se por meio da criação de duas operações, cujos termos Greimas tomou por empréstimo do conceito de *shifter* (embreante) desenvolvido por Jakobson: a *embreagem* e a *debreagem*. Esses mecanismos, segundo o autor, dão conta da instauração de pessoa, tempo e espaço no enunciado. A *debreagem* pode ser de dois tipos: enunciativa e enunciva. “A

¹⁴ Normand (1996, p. 145) afirma que é possível observar a elaboração, nos textos de Benveniste, de uma espécie de “constelação” de termos que reúne termos da tradição gramatical e filosófica, termos não teóricos e termos teóricos. Nessa constelação, a autora localiza um ausente: o sintagma *sujeito da/de enunciação*. Ver mais em Knack (2012), capítulo 3.

primeira é aquela em que se instalam no enunciado os actantes da enunciação (*eu/tu*), o espaço da enunciação (*aqui*) e o tempo da enunciação (*agora*"); já a segunda "é aquela em que se instauram no enunciado os actantes do enunciado (*ele*), o espaço do enunciado (*algures*) e o tempo do enunciado (*então*)."¹⁵ (FIORIN, 1999, p. 172, grifos do autor). Essas duas operações criam, segundo o autor, dois grandes efeitos de sentido: o de subjetividade e o de objetividade. Já a operação de embreagem, ao contrário da debreagem, "que é a expulsão fora da instância de enunciação da pessoa, do espaço e do tempo do enunciado", consiste num "efeito de retorno" à enunciação, produzido pela neutralização das categorias de pessoa e/ou tempo e/ou espaço [...]" (FIORIN, 1999, p. 173).

A partir desses exemplos, podemos perceber que tanto a perspectiva desenvolvida por Greimas e Courtés quanto a desenvolvida por Koch acabam por encontrar em Benveniste elementos que subsidiam diretamente o trabalho que desenvolvem acerca do *texto*. Mesmo que Benveniste esteja presente, implícita ou explicitamente, nas reflexões propostas por essas perspectivas teóricas, o potencial de sua teoria enunciativa não é explorado, pois são tomadas de empréstimo somente algumas categorias sem a consideração do constructo teórico na qual estão fundamentadas.

Além disso, nos exemplos examinados, o *texto* parece ser concebido predominantemente como um *fenômeno geral*, ou seja, mesmo que se busque dar conta, eventualmente, das especificidades do texto falado e do texto escrito, não são discutidas categorias específicas de análise no interior de cada modalidade – embora a Linguística do Texto (aqui representada pelos estudos de Koch) tenha reunido esforços para dar conta do texto em suas modalidades falada e escrita, vinculando-se, sobretudo nos últimos anos, à Análise da Conversação para dar conta da *oralidade*¹⁵. No entanto, parece-nos que é o

¹⁵ Citamos como exemplo dessa interface entre a Linguística do Texto e a Análise da Conversação duas obras: uma data de 1999 e intitula-se *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*, tendo como autores Leonor Lopes Fávero – especialista em Linguística Textual –, Maria Lúcia C.V.O Andrade e Zilda G.O Aquino – voltadas para os estudos de língua falada –, com o tratamento da interface *oralidade e escrita* por meio da exploração de

texto escrito, de modo geral, que tem recebido maior espaço no campo dos estudos textuais.

Além das teorias do texto e do discurso já citadas, destacamos como exemplo também a Análise do Discurso (AD) de linha francesa, cuja relação com os estudos benvenistianos é um pouco diferenciada das verificadas até então. Segundo nossa consulta às referências bibliográficas de disciplinas voltadas ao *texto*¹⁶, a teórica mais citada no contexto da Linguística brasileira é Eni Puccinelli Orlandi. Esta autora, referência em AD no Brasil, desenvolveu uma perspectiva de estudo da linguagem seguindo os escritos fundadores de Michel Pêcheux. A prática de análise discursiva desenvolvida por Orlandi considera, na esteira das concepções pecheutianas, a relação da Análise do Discurso com a Linguística, com o Marxismo e com a Psicanálise. A articulação de saberes de diferentes domínios está diretamente relacionada com os propósitos da disciplina, a qual, segundo Orlandi (2007), busca compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico constitutivo do homem e da sua história.

Partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, [a Análise do Discurso] trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que, como diz M. Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido. (ORLANDI, 2007, p. 17).

Logo, o discurso é o espaço privilegiado para observar essas relações entre língua e ideologia e, conseqüentemente, para compreender “como a língua produz sentidos por/para sujeitos” (ORLANDI, 2007, p. 17). E é justamente em torno da questão do *sujeito* que a autora faz referência à Enunciação, mas para tecer críticas aos estudos enunciativos benvenistianos. Afirma Orlandi que o sujeito da Teoria da Enunciação é um sujeito origem de si,

textos; a outra obra é mais recente, data de 2010, e intitula-se *Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil* – esta é organizada por Anna Christina Bentes e Marli Quadros Leite e reúne artigos de diferentes pesquisadores, enfatizando o diálogo entre o campo dos estudos do texto e o da análise da conversação.

¹⁶ Cf. seção *Introdução* deste artigo.

ao passo que o da Análise do Discurso é um sujeito linguístico-histórico, constituído pelo esquecimento e pela ideologia. A leitura peculiar que a autora realizou da teoria enunciativa benvenistiana e, especialmente, suas críticas à concepção de sujeito (ORLANDI, 2006, p. 106-108) são retomadas detidamente por Cremonese (2007, p. 83-86), que conclui que tal leitura acabou por interferir na recepção da teoria benvenistiana no Brasil gerando, inclusive, um apagamento da Linguística da Enunciação no país.

A despeito dessas críticas, Orlandi (2006, p. 13) afirma que “a AD tem relações importantes com a Pragmática, a Enunciação e a Argumentação, mas inclui, nessas relações, a consideração necessária do ideológico, ao asseverar que não há discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia.”.

Uma dessas relações com a Teoria da Enunciação dá-se quando das *tipologias* de discursos propostas por Orlandi. Segundo a autora, o funcionamento discursivo está atravessado e é sobredeterminado por uma *tipologia*, a qual é considerada em dimensões histórica e social e incorpora as condições de produção dos discursos. A autora propõe a distinção entre três tipos de discurso: lúdico, polêmico e autoritário. Tal distinção, conforme ela, “*deriva de considerações sobre a enunciação*, ou seja, da interação entre locutor e ouvinte, sua relação com o objeto de discurso e, através dele, com o mundo” (ORLANDI, 2006, p. 131, grifo nosso). A autora enfatiza que parte do conceito de *intersubjetividade*, mas para dele se afastar. Segundo ela, a proposta de Benveniste privilegia o falante em detrimento do ouvinte; a autora, por sua vez, afirma tratar simultaneamente do falante e do ouvinte no processo de interlocução. Um dos critérios que Orlandi utiliza para o reconhecimento dos *tipos* é a noção de *reversibilidade*, elaborada por Benveniste em *Estrutura das relações de pessoa no verbo* (BENVENISTE, 1946/2005).

Segundo Benveniste (1976), “a polaridade das pessoas é na linguagem a condição fundamental...”; mais adiante ele diz que “essa polaridade não significa igualdade nem simetria: ego tem sempre uma posição de transcendência quanto a tu; apesar disso nem um dos dois termos se concebe sem o outro”. A partir daí este autor desenvolve uma análise que, considerando **a apropriação da língua pelo sujeito falante**, destaca as **formas linguísticas que revelam a**

subjetividade na linguagem, que organizam as relações espaciais e temporais em torno do “sujeito tomado como ponto de referência”. Mas como “nenhum dos dois termos se concebe sem o outro”, **o que propomos é que se considere o outro polo, o do *ouvinte***, e se procure suas marcas, **as formas linguísticas que revelem o seu papel**. (ORLANDI, 2006, p. 34, grifo em itálico da autora, grifo em negrito nossos).

Não nos cabe, neste momento, avaliar a leitura realizada pela autora, apenas apontar que a teoria enunciativa benvenistiana fornece-lhe subsídios para propor as tipologias. É o critério da *reversibilidade* que, afinal, “determina a dinâmica da interlocução: segundo o grau de reversibilidade haverá uma maior ou menor troca de papéis entre locutor e ouvinte no discurso.” (ORLANDI, 2006, p. 154). Mas a autora também enfatiza: “mais do que na enunciação, a tipologia que proponho tem base na relação da formação discursiva com a ideológica” (ORLANDI, 2006, p. 131).

Questões e repercussões da presença de Benveniste na Linguística brasileira

Assim, através desses poucos exemplos relativos a perspectivas teóricas textuais, semióticas e discursivas que incorporam concepções enunciativas a seus aparatos ou realizam leituras peculiares acerca dessas concepções, buscamos demonstrar que a presença da teoria enunciativa de Émile Benveniste, no Brasil, é mediada por disciplinas que não especificamente enunciativas. Compartilhamos com Flores et al. (2009) que essa constatação não encerra uma crítica – como os autores bem ressaltam. Esse fato é aqui retomado com o objetivo de demonstrar que essa mediação, além de determinar o entendimento de muitos dos termos do campo – haja vista a variação, por exemplo, na concepção de termos como *enunciação* e *enunciado* –, parece também ter determinado a não elaboração de uma proposta de estudo voltada ao *texto* circunscrita à teoria benvenistiana.

Flores et al. (2008) destacam que, de uma forma geral, os autores viam em Benveniste a possibilidade de abordar aspectos relativos à subjetividade na

linguagem e, assim, a partir dos anos 70, numerosos trabalhos passaram a recorrer basicamente a textos clássicos do linguista, que discutiam essencialmente os pronomes e os verbos. Uma vez incorporados tais aspectos a outras perspectivas de estudo da linguagem, a teoria de Benveniste passou a ser tratada “ou como uma fase, ultrapassada, da história dos estudos linguísticos, ou como exemplo de concepção de sujeito a ser rechaçada [...]” (FLORES et al., 2008, p. 10) – para os que entendiam a subjetividade como psicológica, solipsista e egocêntrica. As demais perspectivas de estudo da linguagem, sobretudo as que incorporaram pressupostos enunciativos, pareciam então dar conta do estudo do texto, de modo geral, inclusive contemplando aspectos da ordem da subjetividade – fatos que, em nosso ponto de vista, parecem também ter contribuído para a não elaboração de propostas de estudo do texto circunscritas ao arcabouço teórico da Enunciação benvenistiana.

Entretanto, pensamos ser possível incorporar, em uma relação de complementaridade com as já existentes abordagens textuais, outra que contemple o *texto* pelo viés da Enunciação benvenistiana¹⁷, isenta dos empréstimos de categorias de outras perspectivas de estudo do texto. Se a Teoria da Enunciação benvenistiana, tal como vimos nos exemplos citados anteriormente, fornece elementos que subsidiam a prática de estudo, análise e interpretação de textos falados e escritos – visto que outras teorias a ela recorrem para dar conta, sobretudo, de aspectos concernentes a sujeito, tempo e espaço –, entendemos que há possibilidade de desenvolver-se tal proposição de estudo no interior da própria teoria de Émile Benveniste.

Vimos, no segundo item deste artigo, que Benveniste desenvolveu reflexões linguísticas *stricto sensu* – que incluem os estudos comparatistas e as referências a Saussure –, além da reflexão sobre a enunciação. Além dessas perspectivas de pensamento, Flores et al. (2009) destacam que há, também, em Benveniste, uma terceira perspectiva: trata-se de

¹⁷ As linhas gerais dessa proposta são apontadas na seção final deste artigo.

[...] um fazer interdisciplinar das ciências do homem em que a linguagem tem papel fundamental. É o diálogo teórico posto em prática. Talvez por esse prisma possamos afirmar que Benveniste produz em um terreno limítrofe que lhe permite falar, em uma interdisciplinaridade, de filosofia, antropologia, sociologia, psicanálise, cultura etc. (FLORES et al., 2009, p. 244).

Flores e Teixeira (2011, p. 420) apontam que uma prova concreta desse caráter multiforme do pensamento Benveniste é “o fato de ele ter sido chamado a falar para públicos diferentes, o que lhe rendeu a publicação de artigos em revistas dos campos da psicologia, antropologia, psicanálise, sociologia, filosofia, linguística.” Com efeito, esse “fazer interdisciplinar”, presente no seio das próprias reflexões de Benveniste, permite que nós, seus leitores, coloquemos sua teoria em relação de diálogo com outros campos – em nosso caso, com o campo dos estudos do texto.

Em *Introdução à Linguística da Enunciação* (2005), Flores e Teixeira mapeiam algumas das interlocuções dos estudos enunciativos com outras áreas e citam como principais as intersecções da Enunciação com: a Literatura, a Filosofia, a Psicanálise, a Análise de Discurso, a Patologia da Linguagem, a descrição linguística, linguagem e trabalho e, por fim, texto. Destacamos que as interfaces identificadas pelos autores dão-se a partir de estudos de diversos teóricos da Linguística da Enunciação, dentre eles Benveniste. A interface que aqui nos interessa diz respeito à *enunciação e texto* e, quanto a esta, enfatizamos que Flores e Teixeira (2005, p. 93) pontuam a existência de “[...] trabalhos que buscam encontrar na semântica argumentativa, tal como foi desenvolvida por Oswald Ducrot e sua equipe, elementos para pensar a construção do sentido no enunciado a partir de sua inserção no texto.” Portanto, a interlocução identificada pelos autores, quando da época de publicação de seu livro, diz respeito a *texto* e à *Teoria da Argumentação na Língua* desenvolvida por Ducrot e colaboradores.

Logo, a não identificação da interface da área de texto com a Teoria da Enunciação benvenistiana – conforme mapeamento realizado por Flores e Teixeira (2005) –, assim como a *quase* ausência da referência a Émile

Benveniste na bibliografia de disciplinas voltadas ao *texto* – conforme nossa pesquisa aos currículos, brevemente retomada na seção *Introdução* deste artigo, permitiu demonstrar – apontam para uma *falta*, a qual nos move no desafio de explorar a interface da teoria benvenistiana com os estudos do texto, propondo um olhar enunciativo para esse objeto.

A constatação dessa *falta* é corroborada pelo diagnóstico apresentado por Mello (2012) no primeiro capítulo de sua tese: a autora investiga a presença de Benveniste em obras (artigos e livros) publicadas no Brasil, no período de 1998 a 2011, e constata que Benveniste comparece de forma “tímida”, “pouco expressiva” na área de estudos do texto e do discurso, sendo que não há nenhum trabalho nessa área alicerçado unicamente em sua teoria.

De fato, vimos que os estudos enunciativos desenvolveram-se, no Brasil, via outras disciplinas do estudo da linguagem, identificando-se ora às perspectivas textuais, semióticas, discursivas, ora à pragmática; discutimos que o *texto*, nosso foco nesta pesquisa, recebe especial atenção por parte de teorias como a Linguística Textual, a Análise do Discurso de linha francesa e a Semiótica francesa, por exemplo, as quais têm desenvolvido, ao longo dos tempos, aparatos teórico-metodológicos que busquem dar conta da análise dos diversos aspectos que estruturam esse objeto. Essa breve incursão pelas perspectivas textuais e discursivas também permitiu constatar a *quase ausência* do tratamento do texto falado nesse âmbito: o foco parece estar mais voltado para o *texto* como um fenômeno geral de produção de sentidos ou, quando tratado em sua especificidade, é a modalidade escrita que recebe mais espaço.

Ao contrário dessas perspectivas, cujos interesses de alguma forma repousam no *texto*, a Teoria da Enunciação benvenistiana não visa a teorizar especificamente sobre *texto*, de modo que, ao abordá-lo, o analista deve operar um deslocamento dos conceitos teóricos, bem como elaborar um aparato metodológico específico para a análise textual. O campo de estudos em torno da teoria enunciativa benvenistiana e sua possível aplicabilidade aos estudos do texto ainda carece de uma sistematização – motivo pelo qual desenvolvemos esta pesquisa.

Em nosso entendimento, a interface da Enunciação com os estudos do texto e os necessários deslocamentos teóricos para tanto se tornam possíveis na medida em que não há, em Benveniste, um *modelo* ou um “método nítido de análise” linguística – “ao menos não nos moldes que a Linguística comumente entende a palavra ‘modelo’”, conforme destacam Flores et al. (2008, p. 30) –, o que permite que “novas” leituras sempre sejam feitas. Os autores afirmam que, como não há esse modelo ao qual se possa recorrer como “instância de validação de leituras, é sempre de uma interpretação que se está a falar.” Assim, os textos de Benveniste, cujas características de escritura buscamos mapear na segunda seção deste artigo, fornecem ao leitor possibilidades de interpretação com certa liberdade e isso, segundo os autores, configura, de certa forma, um ponto positivo, mas também um ponto negativo, na medida em que a obra “tem sido alvo de leituras que, muitas vezes, estão em diametral oposição aos princípios teóricos do autor.” (FLORES et al., 2008, p. 31). Apesar dessas leituras, os *PLG I* e *II* mantêm-se como “fonte inesgotável de inspiração teórica” (FLORES et al., 2008, p.30).

De fato, são os artigos integrantes dos *Problemas* que nos inspiram e nos fazem vislumbrar possibilidades de deslocamentos teóricos para o tratamento do *texto*. Isso porque, conforme procuramos mostrar em Knack (2012), não há em Benveniste uma preocupação com a teorização acerca da categoria *texto*; inclusive vimos que o linguista tampouco postula explicitamente um modelo de análise de língua em uso – o que temos, em sua obra, dentre outros aspectos, são reflexões acerca da presença do homem na língua, a partir das quais se delinearam as bases de um modelo de análise de língua voltado à enunciação, isto é, às marcas do homem na língua posta em uso – o que se convencionou chamar de *Teoria da Enunciação* (FLORES, 2008). Nossa leitura trata-se, portanto, de uma *leitura possível*, ancorada nas próprias pistas calcadas por Benveniste.

Considerações finais

As reflexões propostas neste artigo, tal como referido na introdução, inserem-se em uma pesquisa mais ampla, que, de modo geral, vem responder ao anseio de compreender como o *texto*, seja falado seja escrito, pode ser analisado pelo viés da Teoria da Enunciação de Émile Benveniste; e, em decorrência desse questionamento, apresentar possibilidades teórico-metodológicas para a abordagem desse objeto, de forma a fornecer subsídios para o trabalho com o *texto falado* e *escrito* em contexto de ensino. Esse é o objetivo maior de nossa pesquisa e para o qual o presente texto contribui na medida em que examina a instauração de um campo de saber e suas possibilidades de interlocução com outro(s) campo(s).

Ao retomar os primeiros movimentos argumentativos da pesquisa desenvolvida para a elaboração da dissertação de mestrado da autora (KNACK, 2012), este artigo busca investigar a possibilidade de um estudo textual-enunciativo a partir da problematização do potencial da teoria benvenistiana para tanto. As leituras realizadas de fato apontam para a multiplicidade e a riqueza das reflexões de Émile Benveniste, desvelando possibilidades de deslocamento, para o campo do *texto*, de noções propostas pelo linguista acerca da Enunciação. Exemplos dessas possibilidades de deslocamento são algumas leituras, apropriações e empréstimos de conceitos enunciativos efetuados por outras linhas teóricas, como a Linguística Textual, a Semiótica, a Análise do Discurso.

Nesse âmbito, defendemos que a Teoria da Enunciação benvenistiana estabelece uma *relação de complementaridade* com as demais teorias do texto e do discurso. As perspectivas teóricas que permitem estudar o *texto* não se opõem; pelo contrário, justamente por proporem pontos de vista particulares para objetos também particulares articulam saberes que, então, se complementam.

Assim, damos continuidade à pesquisa, justapondo aos olhares já existentes *um outro olhar enunciativo para o texto*. Tomando-se a perspectiva

enunciativa benvenistiana como pauta para o tratamento do texto, alguns *efeitos* são produzidos nesse campo de estudos, na medida em que essa teoria permite olhar o texto para além de um *produto*: sob a Enunciação, o texto passa a ser mais que um “produto acabado”, no qual simplesmente se buscam identificar marcas formais que denotem um sentido ali construído; o texto, sem que se despreze sua condição de *produto da enunciação* – como tal, manifesta as escolhas linguísticas que o locutor opera na sua relação enunciativa com a língua –, pode ser entendido também como um *processo enunciativo* de apropriação e de atualização da língua pelo locutor e, como *processo*, o texto está em constante (re)constituição.

Tratar de enunciação é tratar da presença do homem na língua, logo, tratar de texto sob tal perspectiva implica considerar os efeitos advindos dessa presença, posto que o *sujeito* relaciona-se com outros sujeitos – inter-relação permitida e suscitada pela própria língua, como diz Normand (2009a) –, para constituir sentidos e referências e, assim, *viver*. Logo, todo texto encerra a singularidade que essas relações (inter)subjetivas instauram; estudá-lo requer trazer à luz esse processo único em que cada locutor, a cada vez que coloca a língua em funcionamento por um ato individual de utilização, entrelaça pessoa (*eu-tu*), tempo (*agora*) e espaço (*aqui*) às demais formas da língua para produzir sentidos e referências, agenciando-os e atualizando-os na instância textual, seja falada, seja escrita.¹⁸

Pretendemos, com a proposta de abordagem de textos falados e textos escritos pelo viés da Teoria da Enunciação de Émile Benveniste, contribuir com mais uma ferramenta para auxiliar os professores de Língua Portuguesa em sua lida diária em sala de aula.

No início deste artigo, ao tratarmos das características da escrita de Benveniste, pontuamos que Barthes afirmara que Benveniste possuía algo exorbitante para um erudito: o implícito. Nesse momento, é oportuno trazermos o questionamento de Ono (2007, p.16, tradução nossa), do qual

¹⁸ Para ver detalhadamente a proposta de abordagem de textos falados e escritos desenvolvida a partir da teoria enunciativa benvenistiana, consultar Knack (2012).

compartilhamos e tomamos como lema de trabalho: “temos suficientemente lido, e relido, Benveniste de modo que esse implícito venha à tona, mostrando um novo horizonte [?]”.

O presente artigo resume os primeiros passos de uma pesquisa que, acima de tudo, se trata de um trabalho em que, incessantemente, lemos e releemos Benveniste, na esperança de desvendar esses possíveis implícitos que, talvez, revelassem-nos os horizontes de uma perspectiva enunciativa para o estudo do texto. Ao passo que o trabalho de Ono (2007, p. 18, tradução nossa) ambicionou “descobrir as potencialidades dos escritos de Benveniste em matéria de enunciação”, o nosso almeja descobrir as potencialidades dos escritos benvenistianos em matéria de *texto*.

Referências

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. 2.ed. São Paulo: Editora Ática, 1994.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. 5.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

_____. *Problemas de Linguística Geral II*. 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

CREMONESE, Lia Emília. *Bases epistemológicas para a elaboração de um dicionário de linguística da enunciação*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras. Orientação: Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores; Coorientação: Profa. Dra. Maria José Bocorny Finatto. Porto Alegre, 2007.

DESSONS, Gérard. *Émile Benveniste, l'invention du discours*. Paris: Éditions In Press, 2006.

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore G. Villaça Koch. *Linguística textual: introdução*. 2.ed. São Paulo: Editora Cortez, 1988.

FIORIN, José Luiz. Enunciação e construção do sentido. In: VALENTE, André (org.). *Aulas de português: perspectivas inovadoras*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999.

FLORES, Valdir do Nascimento et al. *Enunciação e gramática*. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. *Dicionário de Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

_____; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. Linguística da Enunciação: uma entrevista com Marlene Teixeira e Valdir Flores. In: *ReVEL*, v.9, n.16, 2011. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br>>. Acesso em: 18 ago. 2011.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e Linguagem*. 9.ed. São Paulo: Cortez, 2004.

KNACK, Carolina. *Texto e enunciação: as modalidades falada e escrita como instâncias de investigação*. 2012. 189f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<http://sabi.ufrgs.br/>>.

NORMAND, Claudine. *Convite à Linguística*. FLORES, Valdir.; BARBISAN, Leci. (orgs.). São Paulo: Contexto, 2009a.

_____. Leituras de Benveniste: algumas variantes sobre um itinerário demarcado. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v.44, n.1, p.12-19, jan./mar. 2009b.

ONO, Aya. *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste*. Limoges: Lambert-Lucas, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. 7.ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

_____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4.ed. São Paulo: Pontes Editores, 2006.

SILVA, Carmem Luci da Costa; ENDRUWEIT, Magali Lopes. O oral e o escrito sob o viés enunciativo: reflexões metodológicas. In: *ReVEL*, v.9, n.16, 2011. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br>>. Acesso em: 15 Out. 2011.

Recebido em abril de 2013.
Aprovado em julho de 2013.